

DESENCANTAMENTO DE ALUNOS: O QUE FAZER?

Rita de Cássia de Souza Soares¹

Arno Bayer²

Resumo

O presente texto versa sobre questões motivacionais e o trabalho de sala de aula. O enfoque dado diz respeito às diferentes teorias de motivação para a aprendizagem estudadas atualmente, destacando a Teoria da Autodeterminação. Inicialmente, será comentada a realidade do ensino no Brasil, logo após serão colocadas algumas definições de motivação, serão discutidas algumas teorias de motivação para a aprendizagem, como Teoria da Atribuição, Teoria de Metas de Realização, Teoria da Motivação para Competência, Teoria da Autodeterminação e a Teoria da Avaliação Cognitiva, trabalharemos também algumas sugestões de como verificar as metas dispensadas pelo aprendente no momento de seu estudo, a partir de suas atividades, para que desta forma o professor possa ajudá-lo em sua caminhada, bem como algumas sugestões de prática de sala de aula para motivar os alunos.

Introdução

Por que os alunos se desencantam? Esta pergunta já é feita há muito tempo por professores que vêem cada vez mais seus alunos desmotivados, sem o desejo de aprender. Para responder perguntas desse tipo, diferentes teorias de motivação foram criadas, e aqui apresentamos algumas das teorias atuais que podem ser aplicadas em sala de aula, com sugestões de atitudes a serem tomadas pelos professores, em sua prática didática.

Realidade

O Ensino na área de Matemática em nosso país, segundo Druck (2004), passa por uma crise, sendo que “as condições de trabalho dos professores, principalmente na rede pública, são extremamente perversas e desmotivantes” (2004, p.2). Sendo assim, alunos e professores sofrem carência de motivação para o ensino e a aprendizagem de Matemática. Para Diniz (2003), o distanciamento da Matemática Escolar da Matemática do dia-a-dia pode desmotivar alunos para a aprendizagem. “A falta de ligação entre a Matemática que se aprende na escola e os reais interesses dos alunos, que olham para a disciplina como tendo um nível de abstração

¹ Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela ULBRA, Licenciada em Matemática pela UNISINOS. Professora da E. T. E. Mal. Mascarenhas de Moraes e do Colégio Kennedy – ritamatematica@terra.com.br

² Doutor em Educação pela Universidade de Salamanca. Professor da ULBRA – bayer@ulbra.br

exagerado e pouco compreensível (...) faz com que a vontade de aprender vá se perdendo, à medida que o nível de complexidade vai aumentando” (DINIS, 2003, p. 26)

Generalizando, professores e alunos encontram-se em uma esfera de motivação baixa, sendo os problemas motivacionais já certos em nossa sociedade, onde podemos encontrar alguma idéia plausível que aponte para alguma solução? Pensamos em estudarmos algumas teorias motivacionais, e desta forma, encontrar algum valor que aponte para um caminho a ser trilhado.

Motivação

A motivação tem seu conceito arraigado nas causas que levam uma pessoa a escolher ou atuar em determinado caminho. Bzuneck (2001) afirma que “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso” (2001, p.9).

A motivação para a aprendizagem difere de outros tipos de motivação, pois tratamos com objetivos e capacidades diferentes das demais. Segundo Bzuneck (2001), o contexto de sala de aula deve ser considerado de forma diferente de outras atividades em que o aluno deve estar motivado, pois para a sala de aula o aluno deve executar tarefas que são maximamente de natureza cognitiva, que incluem atenção e concentração, processamento, elaboração e integração da informação, raciocínio e resolução de problemas.

Teorias Atuais de Motivação para a Aprendizagem

O estudo da Motivação para a aprendizagem tem como foco situações de sala de aula e efeitos motivacionais que alunos e professores apresentam. Para Guimarães (2001), diversos fatores podem influenciar na motivação do aluno em sala de aula.

Quem observa um aluno pouco interessado nos conteúdos e atividades escolares pode, à primeira vista, atribuir essa falta de motivação a fatores emocionais, familiares, econômicos, a características de personalidade, preferências por outras situações não ligadas à escola, como jogos, cinema, música, entre outros. No entanto, a motivação do aluno e suas causas não é um assunto que se limite à família, a ele próprio ou a outras condições fora da situação escolar. O que ocorre normalmente é uma combinação de fatores, resultando num sistema de interações multideterminadas. De maior relevância é o que ocorre dentro da escola e da própria classe. (2001, p.78).

É importante, portanto, conhecer alguns fatores que influenciam na motivação do aluno. Apresentaremos algumas teorias que versam sobre motivação para aprendizagem.

Teoria da Atribuição

Segundo Alonso Tapia e Fita (2001), a motivação ou falta de motivação do aluno pode se dar através das causas às quais o mesmo atribui seus êxitos ou fracassos. Weiner, citado

por Alonso Tapia e Fita (2001), classifica essas causas segundo diferentes critérios: internas ou externas, estáveis ou instáveis, controláveis ou incontroláveis.

Tabela 1 - Causas atribuídas ao sucesso ou fracasso, segundo Alonso Tapia e Fita (2001)

	Causas internas		Causas externas	
	Estáveis	Instáveis	Estáveis	Instáveis
Controláveis	Esforço típico	Esforço imediato	Atitude do professor	Ajuda infrequente
Incontroláveis	Capacidade	Vontade	Tarefa difícil	Sorte

Fonte: Teoria da Atribuição - Alonso Tapia e Fita, 2001, p.82

Sobre esta tabela, Alonso Tapia e Fita afirmam que “segundo E. Soler, os problemas mais graves de motivação se apresentam quando os alunos atribuem o fracasso a causas ‘internas, estáveis, incontroláveis’, como a capacidade” (2001, p.83), pois ao atribuir o insucesso a essas causas, o aluno apresenta um grau de impotência frente às dificuldades de sala de aula e considera o fracasso como algo seu, sem chances de mudança.

Para Boruchovitch (1994), Weiner diz que o pensamento, o sentimento e a ação fazem parte da teoria da atribuição causal, em que o ser humano é visto como alguém que tenta entender e atribuir causas aos eventos que lhe acontecem. Indivíduos, geralmente, tendem a interpretar suas experiências de sucesso e fracasso em termos de quatro fatores: inteligência, esforço, dificuldades da tarefa e sorte. (1994, p.130). Desta forma, a atribuição de êxitos ou fracassos a causas variáveis implicará no sucesso ou insucesso do aluno, cabendo ao professor identificar as causas de seu aluno, a fim de incentivar a motivação deste.

Teoria de Metas de Realização

A teoria da atribuição complementa a teoria de metas de realização na medida em que a partir de suas metas o aluno atribui seu fracasso ou sucesso a determinados fatores. As metas são conceituadas qualitativamente e exprimem o propósito ou o porquê de uma pessoa se envolver em determinada atividade. A classificação dessas metas pode ser dada pelos nomes de meta aprender, performance e alienação acadêmica. Segundo Bzuneck (1999), “o aluno voltado à meta aprender tem a convicção de que os resultados positivos nas tarefas derivam maximamente de esforço, que é um fator interno e sob seu controle” (1999, p.56), porém para o aluno voltado à meta performance, “os resultados são associados ao nível de capacidade” (1999, p.56). A meta performance, também chamada de capacidade ou de ego, pode ser dividida em dois aspectos: a meta performance – aproximação e performance – evitação, sendo que a primeira caracteriza-se pela busca de parecer inteligente, enquanto a segunda trata do medo do fracasso. (Bzuneck e Boruchovitch, 2001, p.66). Bzuneck (1999) afirma que o aluno que se volta à meta alienação acadêmica ou de evitação do trabalho “não

tem qualquer preocupação com aumentar sua competência ou com demonstrar capacidade, mas sim executar as tarefas escolares com o mínimo de esforço” (1999, p.57). O resultado da tarefa não tem importância para o aluno que possui a meta alienação acadêmica, pois a auto-estima desse pode ser garantida em atividades fora da escola.

Teoria da Motivação para Competência

Quando reparamos que somos competentes, nos sentimos mais motivados a exercer determinada tarefa, desta forma, Segundo Guimarães (2001), White define competência como a “capacidade do organismo de interagir satisfatoriamente com o seu ambiente [...]. A competência teria um aspecto motivacional que orientaria o organismo frente a tentativas de domínio, não podendo ser atribuídas a impulsos frente a necessidades ou instintos”. (2001, p. 39). O aumento da competência traz emoções positivas, denominadas por White de “sentimento de eficácia” (2001, p. 40). Para que haja motivação para competência, existe a “necessidade de interação social, como elogios e encorajamento, a fim de que se firme o sentimento de eficácia”. (2001, p. 40) Sendo assim, a motivação para competência é aquela em que o indivíduo se motiva por verificar seu aumento de sucesso, sentindo sua própria eficácia.

Teoria da Autodeterminação

Além da necessidade de competência, o ser humano necessita se autodeterminar, ou seja, sentir que é dono de suas vontades (perceber que é a origem da ação). Segundo Guimarães, “Os seres humanos são movidos por algumas necessidades psicológicas básicas que são definidas como os nutrientes necessários para um relacionamento efetivo e saudável do ser humano com o seu ambiente” (2001, p. 40). Duas definições desta teoria se fazem importantes: motivação intrínseca e extrínseca.

* Motivação Intrínseca

Segundo Guimarães (2001, p.38), “a motivação intrínseca é aquela que se refere à escolha de uma determinada atividade por sua própria causa, por essa ser interessante, atraente ou, de alguma forma, geradora de alguma satisfação”, sendo ausente nesse tipo de motivação qualquer premiação externa ou interna, de forma que a participação na tarefa é a principal recompensa. Para Ryan e Deci, “define-se motivação intrínseca como a execução de uma atividade por sua satisfação inerente em vez de ser por alguma consequência externa” (2000, p.68). O desafio ou o divertimento, ao invés de fatores externos caracteriza esse tipo de

motivação. Para Guimarães, “A motivação intrínseca é compreendida como sendo uma propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse individual e exercitar suas capacidades, buscando e alcançando desafios ótimos” (2001, p.38-39).

É importante ressaltar que as pessoas motivadas intrinsecamente não são movidas apenas para si, mas em relação a atividades e indivíduos, sendo motivadas a realizar uma ou outra tarefa, e nem todas se motivam intrinsecamente a realizar determinada atividade. (Deci e Ryan, 2000), sendo assim, dizemos que há uma conexão entre pessoas e atividades, em relação à motivação intrínseca.

* Motivação Extrínseca

Uma das definições para motivação extrínseca, segundo Guimarães (2001) é “motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para obtenção de recompensas materiais ou sociais, reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências e habilidades” (p.46). Alonso Tapia e Fita (2001) trazem a idéia de que o professor pode motivar seus alunos através de atividades e ações em sala de aula. A motivação extrínseca, portanto, é aquela pela qual passamos ao visar um objetivo exterior à tarefa que realizamos.

A motivação extrínseca poderá variar de acordo com o modo pelo qual a pessoa regula seu comportamento. Para Deci e Ryan (2000, p.68), existem indivíduos que são extrinsecamente motivados (de acordo com a percepção da autodeterminação):

a) comportamentos regulados externamente – minimamente autônomos – controlados ou alienados. Este é o foco do condicionamento operante de Skinner.

b) com regulação introjetada - a introjeção assume o papel da regulação. É uma forma “relativamente controlada de regulação, pela qual os comportamentos são executados para se evitar culpa ou ansiedade” (2000, p.68). A regulação introjetada representa uma regulação para se manter a auto-estima.

c) com regulação por identificação – reflete uma valorização consciente de um objetivo comportamental, é aceita ou assumida como pessoalmente importante.

d) com regulação integrada – forma mais autônoma de motivação extrínseca – regulações identificadas são assimiladas ao *self* (a si mesmo). As ações caracterizadas pela regulação integrada compartilham qualidades com a motivação intrínseca, mas devem ser consideradas extrínsecas porque são realizados para se conseguir resultados extrínsecos e não em virtude do prazer inerente.

Para Deci e Ryan (2000, p.68), proponentes da teoria da autodeterminação, a motivação intrínseca tem como parâmetros a necessidade de competência, necessidade de autonomia ou autodeterminação e necessidade de pertencer ou de sentir parte de um contexto. Esta teoria afirma que a motivação intrínseca pode ser dada em relação a si mesmo, a outros indivíduos ou a atividades, desta forma, quando se fala de atividades intrinsecamente motivadoras, refere-se àquelas que as pessoas pesquisadas acham interessantes.

Deci e Ryan salientam que “A motivação intrínseca não é o único tipo de motivação autodeterminada” (2000, p.68). Na realidade de sala de aula, encontramos alunos desencantados com os estudos e professores buscando motivar seus alunos (Dinis, 2000), essa motivação denominada extrínseca, também é parte da teoria da autodeterminação.

A questão real que diz respeito às ações não intrinsecamente motivadas é como os indivíduos adquirem a motivação para realizá-las e como essa motivação afeta a persistência, a qualidade do comportamento e o próprio bem-estar. Cada vez que uma pessoa (seja um pai, um professor, um chefe ou técnico esportivo) tenta conseguir certos comportamentos por parte de outras pessoas, a motivação destes últimos para o comportamento pode estender-se desde a desmotivação ou indisposição, indo para uma obediência passiva até um ato de comprometimento pessoal. De acordo com a Teoria da Autodeterminação, essas diferentes motivações refletem graus diferentes em que o valor e a regulação do comportamento exigidos tenham sido interiorizados e integrados. (DECI e RYAN, 2000, p.68)

Teoria da Avaliação Cognitiva

A Teoria da Avaliação Cognitiva, segundo Guimarães (2001), “consiste investigar, além das características específicas das tarefas de aprendizagem, os fatores contextuais que potencialmente conduziriam a essa orientação motivacional.[...] considerando como elementos centrais da motivação intrínseca a autodeterminação e a competência.”, (p. 42). Possui três lócus: de causalidade, de percepção da competência e de contexto interpessoal. O lócus de causalidade diz que recompensas externas ou sanções podem prejudicar a motivação intrínseca. Logo, a teoria da Avaliação Cognitiva está intimamente ligada à motivação intrínseca.

Sugestões

Idéias de implicação em sala de aula, como as de Alonso Tapia e Fita (2001), serão úteis ao nosso estudo. Os autores afirmam que para escolherem atividades que motivem os alunos alguns critérios podem ser levados em consideração. A tabela 2 foi adaptada de Alonso Tapia e Fita (2001, p.112):

Tabela 2 – Atividades que devem ser priorizadas para uma boa motivação do aluno

<ul style="list-style-type: none"> • Permitem ao aluno tomar decisões razoáveis sobre como desenvolver e ver conseqüências em sua escolha; • Atribuem ao aluno um papel ativo em sua realização; • Exigem do aluno uma pesquisa de idéias, processos intelectuais, acontecimentos ou fenômenos de índole pessoal ou social e o estimulam a se comprometer nessa atividade; • Obrigam³ o aluno a interagir com sua realidade; • Podem ser realizadas por alunos de diversos níveis de capacidade e com interesses diferentes; • Obrigam o aluno a examinar em um contexto novo uma idéia, conceito, lei, etc. que já conhece; • Obrigam o aluno a examinar idéias ou acontecimentos que normalmente são aceitos de forma quase automática pela sociedade; • Põem o aluno e o ensino em uma posição de êxito, fracasso ou crítica; • Obrigam o aluno a reconsiderar e revisar seus esforços iniciais; • Obrigam o aluno a aplicar e dominar regras significativas, normas ou disciplinas; • Oferecem ao aluno a possibilidade de planejá-las com outros, participar do seu desenvolvimento e comparar os resultados obtidos; • São relevantes para os propósitos e interesses explícitos dos alunos.

Fonte: Alonso Tapia e Fita, 2001, p. 112 (adaptado).

Também de Alonso Tapia e Fita (2001) vem a idéia de classificar algumas atitudes de nosso aluno a fim de agir de modo eficaz em sua motivação. Desta forma, a tabela 3 não visa rotular o aluno, mas verificar em algumas atitudes dos alunos as metas que os mesmos possuem em dado momento.

Tabela 3 – Classificação das atividades dos alunos visando a motivação dos mesmos

TIPOS DE ALUNOS	CURIOSO	Mostram interesse por aprender novos fenômenos mesmo que não apareçam nos livros texto
		Têm inclinação para examinar, explorar e manipular a informação
		Obtêm satisfação como conseqüência dessa exploração
		Buscam a complexidade nas atividades escolares
	CONSCIENCIOSO	Desejo de fazer o que está bem e evitar o que está mal
		Incapacidade para saber quando cumpriram perfeitamente com suas obrigações
		Necessidade de suporte externo
		Desenvolvimento de sentimentos de culpa diante de qualquer incapacidade
	SOCIAVEL	Falta de confiança em si mesmos ou intolerância diante dos erros cometidos
		Necessidade de conseguir e manter boas relações de amizade com seus colegas
		Boa disposição para ajudar seus colegas em todas as atividades escolares
		Nenhum temor ao falhar em situações escolares orientadas para o êxito acadêmico
	BUSCA ÊXITO	Concessão de maior importância às relações de amizade que às atividades e fatores escolares
		Preferência por situações competitivas
		Necessidade de obter êxito nessas situações
		Necessidade de conseguir estima e prestígio do professor e do resto dos colegas, como conseqüência do êxito

Fonte: Alonso Tapia e Fita, 2001

³ Obrigar, no sentido de ser estritamente necessário que o aluno realize a ação a fim de desenvolver as competências planejadas.

Considerações Finais

As diferentes teorias indicam que a motivação pode passar por estágios, desde a externamente regulada até a motivação intrínseca. Os tipos de atividades indicadas nas sugestões devem fornecer a professores um aporte metodológico suficiente para iniciar uma mudança no processo que o mesmo aplique em sala de aula.

Esperamos com esse material contribuir para que professores possam observar seus alunos, com suas metas e características, e trabalhar de forma a incentivá-los no estudo, através de atividades que os façam entender o valor do estudo.

Bibliografia Utilizada

ALONSO TAPIA, Jesús; FITA, Enrique Caturla. *A motivação em sala de aula*. São Paulo: Loyola, 2001.

BORUCHOVITCH, Evely. As variáveis psicológicas e o processo de aprendizagem: uma contribuição para a psicologia escolar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v.10, n.1, p. 129-139, jan.-abr., 1994.

BZUNECK, José Aloyseo. A motivação do aluno orientado a metas de realização. In: BZUNECK, José Aloyseo; BORUCHOVITCH, Evely (orgs.) *A Motivação do Aluno*. Contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 58-77

BZUNECK, José Aloyseo. Uma abordagem socio-cognitivista à motivação do aluno: a teoria de metas de realização. *Psico – USF*, Bragança Paulista, v.4, n.2. p.51-66, jul.-dez. 1999.

DECI, Edward; RYAN, Richard M. Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being. *American Psychologist*, v.55, n.1, p. 68-78, jan. 2000

DINIS, Eduardo. A ansiedade na Matemática. *Educação e Matemática*, Lisboa, n.72, p.26, mar.- abr. 2003.

DRUCK, Suely. A crise no ensino de Matemática no Brasil. *Revista do Professor de Matemática*. Rio de Janeiro, n. 53, p. 1-5, jan.-abr. 2004.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. A organização da escola e da sala de aula como determinante da motivação intrínseca e da meta aprender. In: BZUNECK, José Aloyseo; BORUCHOVITCH, Evely (orgs.) *A Motivação do Aluno*. Contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 78-95